

EDUCAÇÃO, GÊNERO E GEOGRAFIA

¹SOUZA, Sebastião Perez

²LIMA, Wendell Teles de

RESUMO

Este artigo foi fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Licenciatura em Geografia, portanto, nada mais oportuno pensar na questão da educação, sobretudo, no ensino de geografia, a metodologia se baseou em artigos sobre o gênero e livros com o objetivo de demonstrar como está ensino da geografia, sobretudo, ao tratar dos alunos homossexuais na cidade Benjamin Constant no Amazonas, foi escolhido o colégio principal desse município Escola Estadual Imaculada Conceição onde predomina o ensino médio, essa questão torna-se relevante em função de se ter um discurso naturalizante na Geografia da População e Geografia Política onde a "ordem" são estabelecidas conforme a normalidade para os alunos, professores, técnicos, familiares e para o próprio aluno, portanto, objetivamos desmascarar o discurso no ensino da ciência geográfica.

Palavras- Chave: Geografia. Educação. Gênero.

ABSTRACT

This article was the result from a Course Conclusion Work in the Geography Degree course, therefore, nothing more opportune to think about the issue of education, especially in the teaching of geography, the methodology was based on articles about the genre and books in order to demonstrate how geography teaching is doing, especially when dealing with homosexual students in the city Benjamin Constant in Amazonas, the main school of this municipality was chosen. if we have a naturalizing discourse in Population Geography and Political Geography where "order" is established according to normality for students, teachers, technicians, family members and for the student himself, therefore, we aim to unmask the discourse in the context of geographic science.

Key words: Geography. Education. Gender.

¹sebastian_sousa@yahoo.com.br, possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (2018). Atualmente é PROFESSOR da SEDUC AMAZONAS. Tem experiência na área de Educação.

² wendelltelesdelima@gmail.com, Professor da UEA/CSTB, Doutor em Geografia, Mestre em Geografia, Esp. em Gestão do Território e Turismo, Bacharel em Geografia, Graduação em Geografia, Pós doutorando em Geografia pela UFRN.

Introdução

Sexualidade é um tema ainda evitado para não se falar nas escolas, vemos que os professores evitam ou ignoram os alunos, talvez prevaleça os valores tradicionais que a sociedade tenha ao mesmo tempo é uma permanência de uma ordem vigente baseada e dominada pelo machismo.

Por exemplo, nas aulas do Ensino Fundamental e Médio e também no Universitário se ignora a questão da homossexualidade, se dia que existem homem e mulher de acordo com biologismo, essa construção se dá em Darwin nas origens das espécies e que essa ideia vigora nos dias atuais uma construção machista.

Nesse sentido não falamos em diversidade e sexualidade, deixando para segundo plano, isso implicada diretamente nos alunos, hoje que vemos que a sexualidade é latente, no entanto, os cânones da biologia e suas ramificações se recusam em falar a verdade.

Ao tratar de sistema produtivo o professor implicitamente deixa entender a sua concepção de que existe homem e mulher e que restante é desvio da natureza, constringendo os homossexuais, na realidade vendem uma ideia, ao mesmo tempo esses acham que é a grande verdade, mantendo uma ordem natural das coisas.

O homossexual é visto implicitamente como um pervertido, doente que foge das regras sociais, essa discriminação ocorre nos muros da escola onde é tratado por desdém pelos professores, técnicos e alunos, o Bullying é feito de forma escamoteada, sendo naturalizado na ordem das coisas.

Como senão bastasse na escola temos a família falando que é pervertido de forma implícita que vai ser absolvido por eles, então começa-se a pensar que o "problema" é você se entender que se trata de uma relação de poder e supremacia machista também feita por mulheres.

Só tratar sobre educação mechemos no calcanhar de Aquiles ao falar sobre esse tema fingindo pelos professores, disse missemos que menos importante, ou seja, não tocamos por que a ordem social é estabelecida achamos naturais as coisas isso é introjetado por esses alunos.

Na Geografia ao mesmo tempo que ocorre a naturalização do tema vemos que esses "invisíveis" não aparecem nos livros didáticos, aparecem pirâmides e paredes dos dois sexos definidos como masculino e feminino, ou seja, dentre eles os alunos devem se encaixar.

A geografia, hoje, não se contenta mais com a leitura do espaço como invólucro de conteúdos indiferentes, que tardiamente a preenchem. O estudo da população pela geografia considera sua organização, distribuição e a apropriação do espaço para viver e produzir. Os movimentos atuais da população marcam as necessidades dos grupos populacionais em locomover-se e suas motivações, que muitas vezes são geradas externamente a elas (DAMIANI, p. 7, 6, 2016).

A primeira desmitificação é que a população não é homogênea. Antes dela existe uma sociedade, essa serviu como argumento para estatísticas e normalização dos fatos, então ao tratarmos dos alunos dos colégios de duas populações são um grupo de indivíduos que têm vontade própria e que se diferenciam, sendo assim, existe uma diversidade que na primeira leitura é "lida" de maneira errada para falar desse universo. Como aponta a geografa Damiani (2006) que para mutirões não é compreendida nos cursos de graduação, até por que, a ordem social contínua sendo mantida.

Para Morin (2000) a complexidade se dar a nível social, ou seja, as coisas não podem se restringir numericamente, o indivíduo não é coisificada como um elemento, ao mesmo tempo esse binarismo estabelecido pelo biologia e o restante das ciências não dizem a realidade do que está acontecendo, ela não mostra da dinâmica social que é diferente da natureza que é estabelecida.

É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, íntegro e desenvolva formalizações e qualificações, mais não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social, e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que corresponde às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mais não se deve isola-los e torná-los não comunicantes. (MORRIN, 2000, p. 189)

De acordo com Carecer (2002) a pesquisa em geografia deve ser investigativa, ou seja, de acordo onde e qual sociedade você está inserido, não podemos estabelecer a postura pra todos indivíduos eles vão variar conforme coisas como educação, formação, escolaridade como vemos o gay é aquele que estereotipado pelos professores de forma inconsciente e pelos colegas e pela sua família e sociedade, eles mesmo se vêm assim alguns com a produção e reprodução de discurso.

Devemos pensar que os espaço são políticos por essência e ao mesmo tempo são variados com território em que a sociedade se estabelece, essa "ordens" são definidas pelos grupos de indivíduos, ao mesmo tempos, que podemos claro "furar" essas normas mas elas são condicionadas as ""normas" das a sociedade e aos seus segmentos, o exemplo disso é, o aluno

gay deve ser e saber fazer cabelo bem, ou ao mesmo tempo, em que ele deve ser um aluno excepciona pela sua condição, esses mecanismos servem para regrad os indivíduos e como devem diante da sociedade.

Pensando nesse fato que se trata de um espaço político conforme Castro (2005) devemos retratar da Geografia Política e do poder em escalas já que tem área de atuação pré-estabelecida ditas para atuação das pessoas e o "fazer" que é dito como profissões de homens e mulheres caímos novamente no binarismo.

Entendo que os espaços são área de conflitos sociais, sendo eles e classes sociais, é ele que vai "tolerara" os indivíduos em sua guerra, ou seja, ele é gay, mas é professor, ele é rico, mas é gay. Portanto, os conflitos ocorrem da maneira escamoteada, no entanto, que a ordem se prevaleça. Sendo vistas de forma abstrair por Rua (1996) e Silva (1996), ou seja, aceitação desses conflitos são aceitos por todos.

Para Marx (1985) A população é a “base e o sujeito de todo ato da produção social os alunos deve ter em mente que ele é sujeito histórico da sociedade, e que ele é reproduzidor de uma sociedade, o aluno deve ter ciente com essa crítica fala pelo professor no ensino de geografia.

Ao pensar sobre isso essa categoria é importante para os estudos para normatizar as relações sociais

[...]o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, ‘gênero’ tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 75).

Sendo para Scouff (1995) a geografia é uma ciência que tem multiplexasse, sendo que ele pode estudar novos aspectos humanos como o gênero, a importância de se entender o ser humano se faz entre a sociedade, portanto, todo esforço da população e seu deciframento se faz para compreender o homem.

Ao pensar em escola e geografia temos que pensar nos conteúdos e temas transversais que são comuns em todas ciências, tendo uma perspectiva problematizadora e transformadora, ou

seja, tentando mudar a realidade que o aluno vive, ou ensinar na prática os conteúdos em sala de aula.

Uma das questões aborda pelo gênero teve apoio das Igrejas Católicas e protestantes, fato hoje que não ocorre, e sim com essa disciplina que passou a ser ideologizada ou exorcizada.

A orientação sexual é diferente da "escolha" sexual que as pessoas escolhem para elas, a primeira está ligada ao sexo biológico. Ao passo que a orientação sexual se refere ao desejo afetivo ou sexual e “[...] esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidades), pessoas do mesmo sexo (homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades) (HENIQUES, 2007, p. 17).

O que devemos entender que a orientação sexual não é feita em caixinhas e que a sexualidade vai além do binarismo homem e mulher a complexidade de gêneros é relacionada a criatividade e ao mesmo tempo como você se identifica, essa "grande dificuldade" é difícil de compreensão, nos anos 1980 temos os seguintes gêneros homem, mulher e gay para os próprios gays termina sendo essas novas construções para alguns sobretudo os mais antigos é difícil de entendimento.

Dentro disso, se a escola espelha as estruturas, as dominações e as exclusões socioespaciais, ela também ocupa uma posição de promover debates que contribuam na reflexão destas estruturas (racista, patriarcal, machista, misógina, heteronormativa, transfóbica, homofóbica, bifóbica, por exemplo) para que se tenha uma quebra/desconstrução. A produção do espaço geográfico, nesta perspectiva, promove transformações refletidas nas práticas do cotidiano, e contribui para uma sociedade democrática e pluralista (MADRID, 2019, p. 184)

A escola é um reduto das contradições, boa parte da sociedade é representada por ela, o entendimento da orientação sexual reflete diretamente do que é e como é visto as pessoas, sobretudo, que é homossexual são "aceitos" e toleráveis pela comunidade escolar, na realidade como falamos é uma representação e uma porção da sociedade.

Para os alunos homossexuais seus direitos são "respeitados" em função das conquistas toleráveis tendo em vista a convivência, isso ocorre, por parte dos professores, técnicos e a maioria dos alunos, pior que esse sentido termina sendo embutido pelos alunos gays em grande parte, no fundo sabem que "estão" errados em suas atitudes, esse sistema de inferioridade deve ser combatido e trabalhado na escola sendo ela um espaço possivelmente da democracia, muitas vezes não vendo isso.

Conforme Rattis e Faria (2017) os professores não estão preparados para trabalhar a sexualidade, ao mesmo tempo os temas transversais que são colocados como menos importantes,

esses temas emerge com o momento que a sociedade passa.

Nos colégios o que observamos como vemos em Michel Foucault apud Machado (1988) foi a produção do discurso pelos professores, técnicos e alunos que ao mesmo tempo é implícito ou velado pela comunidade, ao mesmo tempo esses alunos sentem conforme o seu cotidiano, portanto, isso requer uma sensibilidade sobretudo do professor e não levar os alunos a desistirem do colégio.

Os alunos teoricamente podem continuar seus estudos em uma graduação, no entanto, a barreira será bem maior do que os ditos "normais" que tem a maior chance de galgar e continuar seus estudos, para eles as barreiras sociais começam na escola.

Para Silva e Lan (2007) a geografia começa a ser problematizada em sua institucionalização, a geografia denominada feminista ainda é marginalizada diante dos demais ramos, camuflando as relações sociais.

Por fim, a ausência das discussões de gênero é um resultado do processo histórico, construído até o presente momento, da ciência geográfica em que o “[...] lugar central da enunciação do discurso geográfico (...) visto, o homem branco, burguês e heterossexual, e esta posição permite a hegemonia de suas concepções sobre o gênero, a raça e a sexualidade” (SILVA, 2010, p. 29.).

A geografia comparada com as demais ciências sociais é pioneira, no entanto, muito tem a se fazer na geografia em seus ramos para se entender esses problemas ainda mais na educação onde o público é diverso no seu contexto.

A geografia começa e deve a ser pensada como a ciência dos complexos, esse fato começa com a institucionalização não é diferente do tema gênero ser trabalhado pelos professores, apesar da resistência de muitos, elas devem ser pensadas como um elemento a mais no mundo atual ser pensado, portanto, falar do tema não é menos geografia tendo em vista a sociedade.

2 ENSINO DO GÊNERO NA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Com sede em Benjamim Constant, AM, possui 24 anos, 6 meses e 13 dias e foi fundada em 09/02/1996. É um Colégio da empresa Associação de Pais e Mestres e Comunitários da Escola Estadual Imaculada Conceição.

Fina na rua Monsenhor Tomais bairro Centro, o que dá uma certa localidade ao colégio, já que ele tem menos idade do que fundação do município, o colégio estadual possui 24 anos, funciona nos 3 turnos o Ensino Médio,

A grande quantidade de alunos (tentamos manter os anonimatos dos alunos, com o objetivo de não identificar) observamos a uma grande quantidade de homossexuais, no entanto, para se declarar tal condição foram poucos os alunos que se identificaram com essa condição, Para Foucault (1986) o discurso implícito mascara uma realidade social ou mantendo essa ordem pré-estabelecida.

Partindo desse princípio temos a recusa dos alunos em falar sua condição sexual, já que vivemos em uma sociedade machista, para os familiares eles são melhores aceitos se não são uma vergonha, para os colegas e professores e técnicos também aceitam tal condição social 'permitida'.

Para alguns como falam saíram das amarras ou do "armário" que na realidade não escondem sua condição sexual, claro que esse fato remete a inúmeras consequências como a discriminação diante da sociedade, muitas vezes velada.

2.1 O ensino

A grande dificuldade ocorre em termo de ensino, como outros jovens eles pretendem levar seus estudos adiante, no entanto, sabem das inúmeras consequências e ao mesmo que iram enfrentar obstáculos diante de sua realidade social, isso ocorre em termos familiares e temos a comunicada escolar sendo 168 alunos.

Para Bourdieu (1989) a escola não apenas transmite e constrói conhecimento, mas também reproduz padrões sociais, perpetuando valores e “fabricando sujeitos”. O que nós percebemos que ocorre é status quo que um grupo social se estabelece sobre outro ou sua dominância.

Para os professores que "trabalham" na linha de frente com os alunos chegaram a escutar sobre a homossexualidade mesmo não querendo ou aceitando essa questão com os alunos.

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. (EGYPTO, 2003, p. 1)

Na escola de forma implícita os alunos homossexuais são colocados como "normais" pelo colégio, professores, técnicos, e familiares o que ocorre é o que Foucault (1986) coloca como

violência velada, nas aulas de Geografia essa problemática ocorre da seguinte forma,

A homofobia persiste porque na maior parte das vezes os indivíduos não conhecem a respeito de sexualidade, onde já ficou provado que o homossexualismo não se trata de uma opção sexual e sim uma orientação sexual, ou seja, ninguém decide ser homossexual, mas, já “nasce assim”. (SANTOS, 2012, p. 3)

Em se tratando da homossexualidade o discurso muda conforme a orientação "desviante" do entendimento do indivíduo, no entanto, muitos professores, técnicos, alunos, familiares não entendem, assim como o próprio indivíduo, o que o torna mais complicado a "solução" dos problemas.

3 GEOGRAFIA E GÊNERO

Na Geografia vemos a vigência de um discurso e mais visto na Geografia da População e na Geografia Política já que se refere a um poder que muitas vezes [e inconsciente para a maioria dos alunos.

Não esmos intitulando os ramos na geografia, a grosso modo é uma ciência voltada para o masculino, apensar dos números de meninas na graduação da Universidade do Estado do Amazonas, por exemplo, em Tabatinga no Amazonas ter aumentada com a presença feminina, isso traz à tona uma discussão de gênero voltado aos alunos.

Ao tratar de Geografia da População é notório que o elemento dual ente homens e mulheres são representados pelas pirâmides etárias, observamos essa faceta na construção do discurso, ou seja, você é uma coisa ou outra?

O que observamos de maneira hegemônica é que as pirâmides etárias são bipolares, isso não abre para uma discussão é sim para um processo de naturalização da ordem vigente, portando, o professor deve discutir qual o papel e da mulher e homem, quais são as mudanças nesse século que acarreta essas estruturas será que a geografia estará a presa um biologismo?

Esse discurso parece ser maior na geografia da população onde os indivíduos aparecem de forma iguais Damiani (2006) onde a ordem vigente das coisas se mantém, é importante que o professor tenha em mente essas sutilezas na geografia se não estaremos fazendo um discurso do século XIX no ensino de geografia.

4 GEOGRAFIA POLÍTICA E O PODER

Assim como outros, esse sub-ramo é de importância fundamental, é através da sutileza que o poder está camuflado como discurso hegemônico em uma sociedade patriarcal, ou seja, pelo cristianismo temos dois gêneros o masculino e o feminino qualquer tipo de conduta é "desviante".

E nesse sentido que a geografia deve discutir as "novas" territorialidades do mundo, é uma discussão importante a ser traída para sala da aula, é as relações de poder que estabelece a ordem vigente, cabe ao professor alerta que a política é vigente nas mais várias esferas da sociedade.

Sendo a base o território como aponta Castro (2005) que estão nos escondidos de que nós não imaginemos, por que o gay tem que ser cabeleireiro e destinado a isso? O que observamos em Tabatinga e Benjamin Constant é que é o destino de muitos, como vemos os peruanos pela sua condição de migrantes e nacionalidade eles são pré destinados a isso, esse imaginário social como aponta Boudieu (1989) fica na cabeça desses alunos como fosse pré destinado a isso, ou seja, em muitos casos não iram seguir os estudos, pode acontecer em seu um ponto na curva, mas é uma raridade e é estabelecido pelo colégio.

Considerações finais

Aqui salientemos a escola como reprodutora de realidades sociais, somente com a criticidade sobretudo dos professores que essa realidade pode ser mudada, apesar de existe problemas é um espaço social.

A geografia apesar de parecer entra ciências sociais como inovadora de questões, ela é produtora da realidade social, a geografia deve ficar atenta ao seu discurso na produção da sociedade.

Cabe a Geografia da População e Geografia Política demonstra a ordem vigente de forma crítica, já passamos o processo de naturalização da realidade assim o gênero veio com esse objetivo de andar como a sociedade e regida.

Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

CASTRO, I. E. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DAMIANI, A. L. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

EGYPTO, A. C. (Org) **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: editora Cortez, 2003.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

HENRIQUES, R. et al (Org.). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC/SECAD, 2007.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem da Geografia. In: PONTUSCHKA, Nidia; OLIVEIRA, Ariosvaldo Umbelino de (org.) **Geografia em perspectiva**, São Paulo: Contexto, 2002.

MACHADO, R. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MADRID, C. GÊNERO COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. **ENPEG** – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: Políticas, linguagens e Trajetórias do Ensino de Geografia, 2019.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política** livro 1, volume 1. São Paulo: Dirfel, 1985.

MORIN, E. **Ciência com Consciência: por um pensamento complexo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RATTS, A. J. P.; FARIA, R. P. N. Estudo das disciplinas sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores e professoras de Geografia. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 242 - 262, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/9407/pdf13>> Acesso em: 17 de setembro de 2020.

RUA, J. et al. **Para ensinar Geografia**. Rio de Janeiro: Acesso, 1993.

SANTOS, V. Homossexualidade no ambiente escolar. **Revista Eletrônica: LEPES- PIB de Ciências Sociais- UEL**, Edição Nº. 2, Vol. 1, jul.-dez. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez,1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>> Acesso em: 17 de setembro, 2019.

SILVA, **Dicionário de Ciências Sociais**, 1996.

SILVA, S. M. V.; LAN, D. **Geography and gender studies: the situation in Brazil and Argentina**. *Belgeo*, n. 3, p. 371-382, 2007.